



88130159



PORTUGUESE A: LITERATURE – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A : LITTÉRATURE – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A: LITERATURA – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Friday 8 November 2013 (morning)
Vendredi 8 novembre 2013 (matin)
Viernes 8 de noviembre de 2013 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a guided literary analysis on one passage only. In your answer you must address both of the guiding questions provided.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez une analyse littéraire dirigée d'un seul des passages. Les deux questions d'orientation fournies doivent être traitées dans votre réponse.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un análisis literario guiado sobre un solo pasaje. Debe abordar las dos preguntas de orientación en su respuesta.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

Faça o comentário orientado de **um** dos seguintes textos. A sua resposta deve ter em conta as duas questões de orientação que acompanham o texto escolhido para análise.

1.

Carlos estava siderado com a beleza da mulher que se aproximara em silêncio, postando-se atrás de Amélia na fila. Em tantos anos de amolador de facas, em tantos bairros e subúrbios percorridos, nunca tivera uma aparição daquelas. Com todo o conhecimento de vida que julgava ter, Carlos considerou estar perante a perfeição, com pernas. Despachou Amélia o melhor que pôde, sem se preocupar com o olhar amuado dela. Havia mais dias e marés, ela podia esperar. O que não podia desperdiçar era a deslumbrante aparição que tinha pela frente. Ela parecia desajeitada, como todas as mulheres demasiado belas. Estendeu-lhe um punhal de lâmina curva, ensanguentada, e disse, um pouco tímida:

5
10 – Acabei de matar o meu amante. Foi um pouco difícil, a lâmina estava romba*. Importa-se de o afiar?

Carlos ficou petrificado. Não só pelas palavras mas pela voz profunda e sedutora da mulher. Os seus olhos não se conseguiam descolar do seu peito opulento, parecendo prestes a saltar do profundo decote da blusa, a cada movimento da sua respiração apressada. Colheu a adaga, limpou o sangue na coxa e começou a amolá-la na pedra. Em dois instantes, com mestria, aguçou-lhe o bisel e preparou-se para a devolver à mulher, perguntando-lhe:

15 – Sabe fazer torradas?

Ela abriu um sorriso velhaco no rosto.

– Isso, não sei muito bem. Mas sei fazer outras coisas mais interessantes.

– E o seu nome é...

20 – Não tenho nome. Mas pode chamar-me Deusa, é assim que costumam conhecer-me.

Amélia sentiu uma nuvem toldando-lhe o discernimento. Não percebia bem as palavras, mas os gestos e os olhares eram eloquentes. Sem saber o que lhe estava a dar, nem de onde lhe vinham aquelas estranhas forças que subitamente cresciam dentro dela, deu dois saltos, acercou-se da mulher e arrastou-a pelos cabelos gritando:

25 – Desampara-me a loja, minha pega.

A mulher deu um grito e desenvencilhou-se de Amélia, que ficou com a farta cabeleira na mão. Completamente careca, a mulher perdera toda a beleza sem o postiço. Abriu os braços e berrou a plenos pulmões, espantando-se pela rua fora:

– Maldita sejas!

30 A imagem da Deusa descabelada ululando em fuga era qualquer coisa de sinistro. Nunca mais ninguém ouviria falar de Deusa, assim como viera, desaparecera.

Amélia agarrou o adorno capilar e meteu-o debaixo do braço, como se fosse um troféu de guerra. Virou as costas a Carlos, despeitada, e caminhou em direção a casa.

Já tinham passado mais de três semanas e Carlos sem aparecer. Todos os dias
35 Amélia vigiava a estrada, apurava o ouvido, mas não havia sinal do amolador. Ela estava a ficar desesperada, talvez ele não viesse mais.

Nesse dia, um sobressalto percorreu-a: tinha a nítida sensação que à distância existia um som em falsete ondulado, que só podia ser o assobio do amolador. Inquieta, postou-se à escuta, temendo que estivesse a alucinar de saudades. Não havia dúvida, o som tornava-se cada vez mais audível, era Carlos o amolador, anunciando-se. Postou-se à janela, até o ver ao longe e confirmar com os olhos o que os ouvidos lhe diziam. Foi buscar uma faca diferente, para o surpreender, e parou em frente ao espelho, verificando a roupa, compondo a blusa. Apreciou a sua imagem e ficou pensativa. Depois correu ao quarto, pegou na peruca da mulherona e colocou-a na cabeça. Olhou-se de novo no espelho, abriu mais um botão de decote, estava bela e exótica. Saiu de casa em direção ao amolador, com um andar gingão, e irresistível.

Miguel Miranda, *Avis Rara* (2012)

* rombo: que tem a ponta quebrada

- (a) Atente no simbolismo da peruca e da faca (punhal) ao longo do excerto e na forma como estilisticamente esse simbolismo se constrói.
- (b) Interprete a evolução psicológica de Amélia relacionando-a com o comportamento de Carlos.

2.

Lígia e os idiotas

naquela época eu vivia cercado de idiotas
para onde olhasse enxergava idiotas
no espelho flagrava um perfeito idiota
a multidão do colégio era um desfile de idiotas

5 Lígia não era idiota
nunca fui seu amigo porque acabei me aproximando de idiotas

e fiquei mais idiota
e Lígia não gostava de idiotas

10 hoje sei que existem muitas Lígias no mundo
mas sei também que existem idiotas
e por mais que eu tente me dizer que essas coisas andam juntas
que dentro de cada um existe uma Lígia e um idiota
aprendi que é preciso ficar perto de Lígia
e longe dos idiotas

Fabício Corsaletti, *Esquimós* (2010)

- (a) Explore a imagem antitética Lígia/idiotas neste poema abordando em sua resposta a evolução do eu-lírico do início ao fim do poema.
- (b) Justifique de que forma os aspetos formais são relevantes para a composição deste poema. Dê razões e evidências expressivas para seu argumento.